

DO SALTO AO TÊNIS: ESTEREÓTIPOS QUE CERCAM O CORPO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UM PROFESSOR LGBTQIA+ EM FORMAÇÃO.

Vasco Menezes Damascena ¹
Taís Miranda Cardoso Coutinho ²
Suzana Alves Nogueira Souza ³

RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir acerca dos estereótipos que cercam o corpo do professor de Educação Física dentro de uma expectativa de inclusão e representatividade no campo da Educação Física Escolar, entendendo assim como essas construções sociais afetam a formação e a identidade docente de um professor LGBTQIA+. A partir de uma abordagem qualitativa, este relato de experiência é desenvolvido buscando valorizar a narrativa em primeira pessoa. Articulados com a literatura acadêmica, os registros foram organizados a partir de memórias, diários de bordo e episódios vivenciados durante a atuação no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola estadual da Bahia. A presente investigação parte do entendimento de que o corpo do professor de Educação Física é atravessado por construções sociais, culturais e históricas que produzem expectativas, estereótipos e normas corporais. A escola é um espaço de produção e reprodução de discursos que normatizam comportamentos e identidades, reforçando padrões hegemônicos de gênero e sexualidade. No caso da Educação Física, essas normatizações são frequentemente associadas a um corpo atlético, performático e heteronormativo, gerando pressões estéticas e comportamentais sobre o docente. A análise da vivência relatada revelou que os estereótipos associados ao corpo do professor de Educação Física permanecem fortemente vinculados a um ideal atlético, jovem, masculino e heteronormativo. Quando esse padrão não foi identificado, gerou situações de estranhamento e julgamentos que atravessaram a experiência do professor gerando sentimentos de constrangimento. Dessa forma, embora haja um avanço nas discussões sobre diversidade e respeito no ambiente escolar, os discursos e práticas que reforçam normas excludentes continuam.

Palavras-chave: Educação Física, Formação de professores, Estereótipos Corporais.

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar é marcada na sua história por tendências e preposições biologizantes, que visam controlar e moldar os corpos de acordo as necessidades e padrões socialmente estabelecido. Neste sentido, cabe refletir como essas subjetivações também

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, vascouefs@gmail.com;

² Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, tais.uefs@gmail.com;

³ Doutora pela Universidade Federal Da Bahia- UFBA – Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, sansouza@uefs.br;



reverberaram sobre o entendimento do que é ser professor de Educação Física, desde a forma de se vestir, seu comportamento e suas práticas dentro do contexto escolar. Durante muitos anos os professores de Educação Física, eram militares e/ou ex-atletas, foi só com os movimentos renovadores a partir dos anos 80 que se debateu sobre as preposições da Educação Física escolar e o papel pedagógico do “ser” professor. Contudo, cabe pensar como essa historicidade da própria área criou um imaginário sobre os corpos do professor de Educação Física.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo refletir sobre os estereótipos que cercam o corpo do professor de Educação Física dentro de uma expectativa de inclusão e representatividade no campo da Educação Física Escolar, entendendo assim como essas construções sociais afetam a formação de um professor LGBTQIA+⁴ e a sua identidade docente. Sendo que as experiências aqui relatadas foram construídas a partir de uma etapa do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana.

A motivação para esse trabalho emerge de uma experiência marcante, capaz de produzir sentimentos diversos – como contentamento, estranhamento e conflito – especialmente no que diz respeito às expectativas sobre a aparência e a conformação corporal de professores de Educação Física. Tal vivência instiga a reflexão acerca de como estigmas estéticos e corporais podem reverberar no tratamento direcionado a esses sujeitos e nas formas de subjetivação e que atravessam esses corpos. Essa discussão apresenta potencial para contribuir de maneira significativa com os estudos no campo da Educação Física, sobretudo no que se refere a formação inicial de professores pertencentes a comunidade LGBTQIA+. Conforme argumenta Louro (2004), a escola constitui um espaço de produção e reprodução de discursos que normatizam comportamentos e identidades, reforçando padrões hegemônicos de gênero e sexualidade.

No caso da Educação Física, essas normatizações são frequentemente associadas a um corpo atlético, performático e heteronormativo, conforme apontam Goellner (2008) e Devide

(2005), gerando pressões estéticas e comportamentais sobre o docente. Assim, este estudo emergiu de um relato de experiência como parte de uma atividade interna do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que tem por finalidade incentivar a

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Interssexuais, Assexuais e o O símbolo “+” indica a inclusão de outras identidades e orientações que não estão explicitamente listadas. A sigla representa uma diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.



formação inicial de professores dando suporte à sua prática docente, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa escrita busca,

ainda, fortalecer a troca de experiências e saberes no âmbito da formação inicial e continuada de professores e gestores educacionais, ampliando seus repertórios para as discussões sociais contemporâneas. (CAPES, 2025). Considera-se que tais debates constituem elementos essenciais para a construção de práticas mais inclusivas e sensíveis às diversidades presentes no contexto escolar.

Nessa perspectiva, Menezes et al., (2024) consideram que a construção da identidade de cada indivíduo parte de um processo, que deriva de experiências em diversas etapas de sua vida onde o mesmo (re)constrói sobre sua visão sobre si mesma. Partindo desse pensamento, é importante ressaltar que a construção da identidade está intrinsecamente ligada à relação do indivíduo consigo mesmo e a relação dele no ambiente em que vive, nesse caso no ambiente escolar. Dessa forma, pode-se afirmar que a construção dessa identidade ocorre por causa dos elementos que nos compõem durante a vida e em meio às relações que perpassam o cotidiano, como as vivências reveladas neste trabalho.

Dessa forma, este trabalho refletiu sobre a experiência de um professor de Educação Física, revelando que os estereótipos associados ao seu corpo ideal persistem fortemente ligados a um padrão atlético, jovem, masculino e heteronormativo. Quando o corpo do professor fugiu dessas normas estabelecidas, a situação gerou estranhamento, julgamento e sentimentos de constrangimento em sua vivência. Apesar dos avanços nos debates sobre diversidade na escola, discursos e práticas excluientes ainda se manifestam. A discussão é crucial para promover o acolhimento e apoio a grupos minoritários no ambiente escolar, buscando espaços mais inclusivos. A escola, juntamente com gestores e professores, tem um papel fundamental nesse respeito nas relações sociais. O campo da Educação Física Escolar deve se apropriar ativamente desses debates, inserindo-os em seu conteúdo sobre a cultura corporal, para construir um diálogo necessário e inclusivo.

METODOLOGIA

A construção deste trabalho se caracteriza por um estudo de caráter descritivo que segundo Gil (2007) parte por determinada população ou fenômeno e se estabelece de variáveis



relações. Se desenvolve com abordagem qualitativa, que se desenvolve buscando valorizar a narrativa em primeira pessoa, que, como afirmam os autores Silva e Gagliato (2024), é revelar e produzir sentido do vivido. A partir disso é preciso identificar o sujeito desse trabalho. Um homem cis⁵, homossexual, branco, estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, que partilha sua vida acadêmica com contribuições de pesquisa científica com trabalhos no campo da relação professor e estudante na universidade, corpo e corporeidade e a dialogicidade na relação professor e estudante no curso de Educação Física.

Em seguimento do desenvolvimento da metodologia deste trabalho está na escrita do relato de experiência, como parte de atividade interna do PIBID. A vivência ocorreu no Colégio Estadual de Tempo Integral no município de Feira de Santana, no sertão da Bahia, no dia 18 de junho de 2025 em uma atividade escolar comemorativa, caracterizada pelos festejos juninos. Ao chegar no colégio de salto alto, saia e meia calça, para vivenciar tal comemoração, roupas essas que são vistas socialmente como vestimentas femininas, e enquanto homem cis homossexual, usar tais indumentárias é uma forma de sair das normas heteronormativas.

Diante disso, sou surpreendido por reações, de surpresa e confusas, como o não cumprimentar, olhares de desaprovação sobre meu corpo e logo fico constrangido com a reação inesperada por parte de alguns segmentos da comunidade escolar, docentes e gestão. Nesse momento me questiono como a maneira de vestir impacta a visão sobre mim? E como isso demonstra como são as visões estereotipadas sobre o corpo do professor de Educação Física em relação a vestimenta e performance de gênero.

Após a construção desse relato, a escrita deste trabalho seguiu articulado aos registros que foram organizados a partir de memórias, diários de bordo e episódios vivenciados durante a atuação. E por fim, a fundamentação por leituras acadêmica e científica de autores que discutam tal temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

⁵Cisgênero (ou cis) é o termo utilizado para designar indivíduos que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.



As experiências e dados obtidos para esse relato indicam uma vasta discussão na ligação da formação inicial docente com a relação social sobre o corpo de professores de Educação

Física e como a estética é atrelada às questões de gênero. Segundo Foucault (1979), o processo de normatização dos corpos pode gerar dilemas pessoais e profissionais para aqueles que não

se enquadram nos modelos hegemônicos. Como mostra o referido autor, ao não se enquadrar nessa norma, dilemas pessoais podem surgir principalmente quando falamos corpos dissidentes como da comunidade LGBTQIA+ em espaço de formação inicial e continuada.

Voltar ao ensino básico como docente em formação para uma pessoa gay que passou traumas enquanto estudava no ensino fundamental e médio é desafiador, complexo e inquietante. O que esse relato exprime não é apenas uma mera reação isolada, é preciso ir a fundo nessa discussão. Como criar uma identidade docente com medo, aflição e dúvida, onde a performance estética ainda ganha espaço, direcionando corpos a locais inerentes. É nessa perspectiva que Louro (2004, p. 21) cita que “as marcas da diferença inscritas no corpo — seja pela sexualidade, pelo gênero ou pela cor — atravessam a escola e podem se tornar motivo de silenciamento, discriminação e exclusão, mas também de resistência”. Dessa forma, esses atravessamentos tornam um forte marcador para distanciamento da relação com a escola, atrasando a evolução docente, impedindo uma formação mais ampla e preocupada com a construção da identidade docente.

Para Rocha *et.al*, (2024, p. 109) “O PIBID se destaca como uma iniciativa essencial para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores voltados à educação básica”. Além do apoio de programas como esse, o compromisso dos professores supervisores e coordenadores que constituem esse programa afirmam ainda mais esse tratado, exemplo desse incentivo é a criação desse relato que recebe base para contar experiências que impactam a construção docente.

A troca de experiências, nas discussões e observações no espaço escolar entre os demais bolsistas de iniciação à docência que compõem o núcleo ao qual estou inserido, fortaleceram ainda mais o processo de construção da identidade docente. Além disso, outro fator foi o acolhimento recebido dos estudantes da Educação Básica dentro de sala de aula, mostrando que mesmo diante de olhares estranhos por parte de terceiros e surgimento de





sentimentos de descontentamento, essa troca de afeto e saberes com esses estudantes no ambiente educacional

potencializa os objetivos do próprio programa de iniciação a docência, reafirmando como o PIBID integra e se conecta com questões sociais necessárias ao trabalho pedagógico.

Esse suporte é necessário para o enfrentamento de tabus como esses sejam debatidos em escolas, não apenas em aulas, mas em toda sua constituição (Louro, 2024). A resistência é

parte dessa perspectiva, os padrões impostos são designados, mesmo com dificuldades, pois o que se sobressai principalmente nas escolas públicas são os moldes heteronormativos em torno dos conteúdos e convívio (Duarte, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante disso, os resultados e discussões desse artigo surgem primeiramente da experiência pessoal, como essa vivência faz repensar minha trajetória não apenas acadêmica e da construção docente, mas como os caminhos que trilhei para chegar até aqui. Essa reflexão é mais tocante especificamente no período da minha formação, onde já posso enxergar a linha de chegada e isso me faz pensar várias maneiras de como será meu futuro docente. Essa experiência então potencializa algumas inseguranças em que no passado que me faziam pensar sobre não reingressar em espaços de formação escolar que já foram ambientes de violência para mim.

Essa, portanto, é uma pesquisa que trata da vida, de como as projeções das experiências de um sujeito possam ser transformadoras para se pensar a construção da sua identidade docente. Traçamos ainda aqui como essas vivências fazem parte de um processo de subjetivação e relacionamos essa como pesquisa (auto)biografia, que diz respeito aos modos que cada pessoa produz sentido para aquilo que vivencia e narra. Segundo Joso (2022), a abordagem (auto)biográfica assinala um processo de mudança de perspectiva do/a pesquisador/a, por meio do apuramento de metodologias de investigação-ação-formação, articuladas à construção de uma história de vida. Além disso, demarca a contribuição de um conhecimento que abrange a formação, a autoformação e elucida as características de um público específico.

Neste momento, preciso que você se questione a partir da pergunta: Qual sua visão sobre o professor de Educação Física? Já pensou? Bem, agora vamos falar como esse corpo é





visto dentro do ambiente escolar. A história da Educação Física no Brasil é marcada por períodos históricos como a militarização como o mais forte exemplo dele, durante esse estágio, a

Educação Física tomou mais espaço na sociedade, mas também limitou de quais corpos serviria. Os patrões impostos neste período desenvolvem a partir de rótulos que até os dias atuais são

resquícios quando se fala da Educação Física, que é fortemente atrelada a relações esportistas e heteronormativas.

Em outras palavras a Educação Física historicamente não apenas selecionava e promovia o desenvolvimento de certos tipos de corpos entre os estudantes, mas também moldava a imagem esperada de seus próprios profissionais. A imagem ideal do professor frequentemente se desenvolvia em torno de um porte atlético, alinhado a um padrão cis heteronormativo. Esse ideal visual reforçava a ideia de que o desenvolvimento físico e biológico

era o foco principal, ou seja, o padrão biológico considerado ideal para o ensino e a prática era essencial tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Em consequência, ao questionar a visão comum sobre o profissional de Educação Física, fica evidente que essa estética específica atlética, forte, alinhada a um padrão corporal tradicional está profundamente enraizada e persiste no imaginário social. Com isso ao se projetar como um corpo que desafie essa ótica, questões possam surgir, como a vivência que constrói esse artigo.

Enxergar a educação como possibilidade só foi possível a partir do vínculo com outras pessoas LGBTQIA+ que mostram a possibilidade de ser quem é e construir o que deseja, em espaços formativos como a universidade. Com isso, enxergo a possibilidade de voltar a estudar com a influência e incentivo de amigos que mostram a universidade como caminho potencializador e possibilidade para corpos LGBTQIA+. A diversidade demonstra acolhimento e quando ocupamos espaços não sendo mais os únicos a estar na mesa, é motivador e inspirador querer que outras pessoas possam entrar pela mesma porta. Com isso, acredito no trabalho pedagógico preocupado com as discussões sociais juntamente dos conteúdos que a Educação Física oportuniza, fazendo das minhas aulas espaço de debate e escuta.





Contudo, ao se pensar nessa trajetória, é importante afirmar e fortificar a intenção pedagógica como futuro docente, desafiando normas estabelecidas durante a história e romper esses paradigmas sobre como é visto um professor de Educação Física. Para isso, hoje partilho minha curta, mas significativa jornada acadêmica com contribuições de pesquisa científica com trabalhos no campo da relação professor e estudante na universidade e pesquisa de Corpo e corporeidade e a dialogicidade na relação professor e estudante no curso de Educação Física.

Esses projetos são frutos da experiência onde o que é vivenciado se transforma em desenvolva como porte científico para discussões sobre a Educação Física em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da vivência relatada revelou que os estereótipos associados ao corpo do professor de Educação Física permanecem fortemente vinculados a um ideal atlético, jovem, masculino e heteronormativo. Por sua vez, o que foi encontrado foi um corpo que fuga de todas essas normas prorrogadas por anos de como é a imagem desses sujeitos, gerando uma situação de estranhamento e julgamento que atravessaram a experiência do professor gerando sentimentos de constrangimento. Dessa forma, embora haja um avanço nas discussões

sobre diversidade e respeito no ambiente escolar, os discursos e práticas que reforçam normas excludentes.

A importância dessa discussão se estabelece no acolhimento e apoio de grupos minoritários dentro do ambiente escolar, fortalecendo uma luta por espaços mais inclusivos. A escola deve contribuir para esses debates, justamente com os gestores e professores que têm papel fundamental no respeito nas relações sociais da contemporaneidade. Vale a Educação Física Escolar se apossar dessas discussões trazendo o protagonismo para si em seu conteúdo da relação com a cultura corporal, é nesse movimento que se constrói um debate necessário incluso.

Dedico essa escrita aos professores(a) da comunidade LGBTQIA+ que enfrentam ou já enfrentaram situações delicadas durante a sua caminhada docente como relatado aqui neste





artigo. Agradeço com imenso carinho e admiração o apoio e orientação da minha supervisora, que foi essencial para a construção desse trabalho. Ainda, agradeço aos meus amigos de núcleo, o amparo durante conversas e troca de experiência foram importantes para o desenvolvimento do relato. E não menos importante, reconheço a importância do PIBID, que, como parte da sua construção e objetivos visa “contribuir para a construção e a valorização da identidade profissional docente dos licenciandos”. (CAPES, 2025)

REFERÊNCIAS

CAPES. *Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Brasília, DF: [s.n.], 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 19 nov. 2025

DUARTE, Francisco Ednardo Barroso. **As representações sociais de universitários de sexualidades LGBT sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida.** 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal do Pará. Belém, 2015. Disponível em: [Tese_RepresentacoesSociasUniversitarios.pdf](#) Acesso em: 22 ago. 2025.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos.** Ijuí: Unijuí, 2005

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997. (Várias edições até 2004).

Menezes, V., Queiroz , V., Duarte, I., Cerqueira, F., & Souza, S. (2024). **A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR: : IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE DE ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UEFS.** *inCORPOrAÇÃO*, 2(02). Recuperado de <https://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/article/view/11476>

Silva, F. O. da, & Gagliato, J. F. (2024). **Constituição da identidade docente de bacharéis em Engenharia: narrativas do habitar à docência na universidade.** *Revista Tempos E Espaços Em Educação*, 17 (36), e20248.

ROCHA, Raphael de Freitas; OLIVEIRA, Mateus Lima de; SANTOS, Wilker de Amorim Cruz; SOUZA, Suzana Alves Nogueira. **Impactos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na formação inicial em Educação Física: um relato de experiência.** *Revista inCORPOrAÇÃO*, Feira de Santana, v. 2, n. 1, p. 97-112, 2024. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>. Acesso em: 23 ago. 2025.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

